

CINEMA NA ESCOLA: PROMOVENDO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA ATRAVÉS DA ARTEAidil Gonçalves Garcez¹, Isabel Cristina das Virgens¹

1. Professoras do Núcleo de Ciências da Natureza do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Salvador (CJCC)

Resumo

Por meio das manifestações culturais é possível conhecer um país, sua história e tradições. Investir nas artes, mais do que um lazer ou passatempo, é aprofundar as raízes de um determinado grupo de pessoas. De todas as expressões da arte, o cinema é, talvez, a que tem maior penetração entre os brasileiros. É difícil conhecer alguém que não goste de filmes, e uma das formas de lazer preferidas pelos jovens e adolescentes é, exatamente, o cinema. Se hoje estamos nos tempos de grandes produções com efeitos especiais fascinantes, é porque o cinema é uma das artes que mais usou da criatividade em tempos de tecnologias esparsas (ABRA, 2020). Foi nas telas de cinemas que muitas pessoas aprenderam sobre amor, política, esportes, artes, e também aprenderam a desconstruir preconceitos. Pensando no alcance dessa arte e da sua importância na vida das pessoas, duas professoras do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Salvador (CJCC), criaram um projeto denominado Cine Melanina, cujo objetivo é discutir o racismo (estrutural e institucional) e promover o antirracismo entre os estudantes da rede pública do estado da Bahia, usando como ferramenta, filmes e documentários com essa temática.

Palavras-chave: Racismo; Filmes; Representatividade.

Apoio financeiro: Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Salvador.

Introdução

Entre o ano de 1501 até 1870, quase 13 milhões de africanos foram raptados de seus países de origem, vendidos como mercadoria e transportados para a América. Desse número, ¼ foi enviado para o Brasil, sendo que quase 2 milhões de pessoas não chegaram ao destino, pois morreram de várias enfermidades. Por conta do tráfico negreiro, que teve seu auge entre 1800 e 1850, o Brasil contava com uma grande população negra até a segunda metade do século XIX. Mesmo com a abolição da escravidão em 1888, a população negra não recebeu incentivos para se integrar à sociedade livre, sendo então marginalizada e excluída. A marginalização da população negra, desde a época da escravização, atribuiu uma percepção de valor deturpada e estereotipada por piadas sobre cabelo, corpo, fala, entre outros. (NASCIMENTO, 2021).

O racismo no Brasil não é praticado de forma velada, mas sim, escancarada, especialmente considerando os aspectos estruturais e institucionais, as oportunidades no mercado de trabalho, a distribuição de renda, o percentual da população carcerária e as condições desiguais de moradia revelam isso. No decorrer desses 134 anos sem escravidão, muita coisa aconteceu, sendo que a representatividade é cada vez mais pautada como uma das medidas antirracistas, pois, além de reconhecer a identidade de um grupo, ela reforça o direito de igualdade em um caminho diverso. (NASCIMENTO, 2021).

Salvador é considerada a capital da negritude, 80% da população é negra. De acordo com um recente estudo de várias universidades brasileiras, a capital baiana tem a maior ancestralidade africana, a partir de estudos genéticos: 50,8%, sendo considerada a cidade mais negra fora do continente africano (MORENO, 2016). Apesar disso, os casos de racismo envolvendo a população soteropolitana não são raros. A legislação teve um papel importante como dispositivo de combate à injúria racial e ao racismo no Brasil, bem como a criação do Dia da Consciência Negra, porém, ainda é preciso ter mais ações afirmativas de combate à discriminação, proporcionando transformações culturais segmentadas pelo respeito e pela empatia. Movidas por essa necessidade de mudança, duas professoras do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Salvador (CJCC-Salvador), criaram um projeto denominado Cine Melanina, cujo objetivo é discutir o racismo e suas diversas formas de expressão, usando como pano de fundo a sétima arte (cinema).

Metodologia

Inicialmente foram feitas mobilizações virtuais convidando os estudantes da rede pública do estado da Bahia para participarem do Projeto Cine Melanina. Em seguida foram abertas as inscrições para que os interessados pudessem, voluntariamente, participar. Cento e vinte e quatro estudantes, oriundos de diferentes escolas, realizaram suas inscrições. Foram selecionados oito filmes (Tabela 1), entre curtas e longas-metragens, para serem exibidos, semanalmente, durante os meses de novembro e dezembro de 2021.

As obras cinematográficas foram selecionadas nas plataformas digitais Netflix, Disney Plus, Wolo TV, YouTube e Globoplay, tendo todas elas, em comum, a temática racismo. Outros critérios usados na seleção foram a duração e a classificação indicativa. As produções selecionadas foram exibidas, remotamente, para os estudantes inscritos no projeto, todas as terças feiras dos meses de novembro e dezembro de 2021, exceto no dia 02/11/2021, por se tratar de um feriado nacional. As exposições ocorreram sempre às 15 horas, através da ferramenta digital Google Meet, em seguida, eram realizados diálogos com os estudantes sobre a narrativa explorada pelo filme e suas impressões eram compartilhadas e discutidas pelo grupo.

Tabela 1 – Filmes selecionados

Filme	Data de exibição
Quilombo	09/11/2021
Mulheres Negras: Projetos de Mundo	16/11/2021
Doutor Gama	23/11/2021
Para garotas de cor	30/11/2021
Cabeça de Nêgo	07/12/2021
O Contador de Histórias	14/12/2021
Rainha de Katwe	21/12/2021
Mãos talentosas: A história de Ben Carson	28/12/2021

Resultados e Discussão

As aprendizagens que os estudantes adquiriram no período de realização do projeto se tornaram visíveis no processo de valorização da cultura africana e afro-brasileira e na elevação da autoestima. Com a autoestima fortalecida, eles se apropriaram da estética negra, o que ficou evidenciado na mudança de comportamento no decorrer dos encontros virtuais, onde estes passaram a abrir as câmeras de seus notebooks (antes fechadas) e a exibir com orgulho sua pretitude, falando sobre suas características fenotípicas e suas ancestralidades. Ao se sentirem representados pelos personagens dos filmes, os estudantes ficaram à vontade para expressarem suas dores, decepções e frustrações e também para discutirem estratégias de enfrentamento e combate ao racismo estrutural e institucional.

É no mês de novembro, sobretudo em torno do dia 20, que as escolas costumam se mobilizar para debater o racismo, a escravidão, e mostrar fragmentos da cultura africana e afrobrasileira. Essa data não deve ser só comemorada, mas construída. Isso envolve olhar para além da folclorização da produção de conhecimento da população negra, restrita a comidas, samba e capoeira. Para uma atuação coerente, a escola deve intervir na atitude racista, e também mostrar as contribuições dos negros para o desenvolvimento das civilizações, trazendo as inovações científicas e tecnológicas que promovem. É por meio dessa valorização que um indivíduo deixa de olhar para o outro como inferior (DIAS, 2019).

O racismo é um sistema político de poder e de opressão. Embora a escola seja apresentada como um espaço de controle sobre corpos, especialmente aqueles que escapam às normas de raça considerada hegemônica, ela também pode apresentar áreas de escape e assim evitar que o controle se efetive da forma pretendida. Os mecanismos de controle que conduzem pessoas negras ao abandono do sistema educacional não são eficazes em sua totalidade, e muitos corpos escapam. A formação acadêmica se revela como uma estratégia de enfrentamento bastante poderosa, que coloca em debate as múltiplas possibilidades de resistência e questionam os dispositivos de poder que perpetuam o racismo (OLIVEIRA, 2020).

Pensar uma educação antirracista envolve tratar da relação entre duas pessoas, mas também, de permitir que todos tenham sua identidade e história acolhidas no espaço escolar. Combater o racismo é lei. E o papel das escolas nesta tarefa está previsto em diversos documentos, como na Constituição, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e no Plano Nacional de Educação (PNE). E o processo de acolhimento e de reconhecimento das identidades requer que a escola repense todas as suas dimensões: curricular, formativa, de atendimento, avaliação. Material didático, arquitetura e rotina. Também depende de ciência, pesquisa, cumprimento da Legislação, e de uma atenção cotidiana construída dentro de cada escola. A educação antirracista exige pensar nas manifestações racistas e o que as sustentam, em todas as dimensões de uma escola. (GONÇALVES, 2019).

Conclusões

Este projeto permitiu aos estudantes ir além das atividades propostas no livro didático, pois nele, nem sempre as histórias, memórias e valores civilizatórios da população afro-brasileira e africana estão narradas de modo digno ou que ultrapassem os preconceitos já estabelecidos. Ao propor esse debate na escola, usando a arte como ferramenta de apoio, devemos nos perguntar se ainda propagamos conceitos raciais de forma estrutural para, assim, aceitar que a educação seja a estratégia mais efetiva para combater esse mal. A percepção da sociedade, em relação aos negros, sempre denotou discriminação e exclusão em vários campos. O racismo está presente na cultura, na política, no mercado de trabalho, nas instituições públicas e privadas, na educação e em diversos outros lugares. Precisamos construir mecanismos de enfrentamento e combate em todas essas esferas, a fim de banir, de uma vez por todas, esse mal da nossa sociedade.

Por intermédio da educação, as estruturas sociais podem ser transformadas. Para educadores e educadoras é mais que urgente que esse tema esteja incluso no cotidiano de aprendizagem, seja em espaços escolares ou não escolares. A superação do racismo, ainda presente em nossa sociedade, é um imperativo, é uma necessidade moral e uma tarefa política de primeira grandeza. E a educação é um dos terrenos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço (CARDOSO, 2000). São múltiplos os marcadores que operam para interditar socialmente uma pessoa e o racismo é, sem dúvida, um deles. Faz-se necessário proclamar uma segunda abolição, dessa vez, não promulgando uma lei de apenas uma frase e, sim, um processo educacional de informação, conscientização e combate ao racismo. Só a partir da ação, do diálogo e de questionamentos, é possível promover mudanças na sociedade brasileira, na qual ou se é prejudicado ou beneficiado pelo racismo estrutural.

O antirracismo na Educação já vem sendo discutido desde os primeiros passos dos movimentos negros do século XIX. Para promover uma educação antirracista é preciso reconhecer que o racismo existe também na escola. Isso porque ela não é um espaço imune e segmentado da sociedade, ela é constituída e construída pelas mesmas pessoas que circulam fora daquele espaço. Se a escola não tiver um trabalho constante, sério e intencional de autoestima, autocuidado, de valorização dessa cultura, vai ser muito difícil as pessoas se identificarem como negras. As mudanças não virão em pouco tempo, mas, devem ser buscadas considerando, também, os estudantes, para interromper a perpetuação do racismo nas próximas gerações (GAMEIRO, 2020). Dos quilombos até a era digital muitas coisas aconteceram, porém, ainda existe um percurso árduo para a população negra ser realmente valorizada e respeitada. Por reconhecermos essa necessidade de transformação e a importância que esse projeto teve para o resgate da autoestima e empoderamento dos estudantes, decidimos continuá-lo durante todo o ano letivo de 2022 e, não apenas, nos meses de novembro e dezembro e, quiçá, nos anos subsequentes.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. Quais são as 7 artes? Disponível em <https://abra.com.br/artigos/quais-sao-as-7-artes/>. Acesso em 13/01/2022.

AGÊNCIA BRASIL. Cidade mais negra fora da África, Salvador completa 467 anos. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>. Acesso em 10/01/2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Superando o racismo na escola. Vol. 1. Brasília: MEC, 2005. 204p.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. Como pensar a construção de uma educação antirracista. Disponível em <https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-pensar-uma-educacao-antirracista/>, Acesso em 15/01/2022.

FIOCRUZ BRASÍLIA. Antirracismo: Ação para transformação. Disponível em <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/antirracismo-acao-para-transformacao/>. Acesso em 15/01/2022.

OLIVEIRA, M.R.G. O Diabo em Forma de Gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Prismas Editora. 1ª Edição. 2020. 193p.

OXFAM BRASIL. Racismo no Brasil. Por que isso ainda é uma realidade. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/blog/racismo-no-brasil-por-que-isso-ainda-e-uma-realidade-veja-aqui/>. Acesso em 10/01/2022.